

WILD RIVER / 1960 (Quando o Rio se Enfurece)

um filme de Elia Kazan

Realização: Elia Kazan / **Argumento:** Paul Osborn, baseado nos romances *Mud on the Stars*, de William Bradford Huie, e *Dunbar's Cove*, de Borden Deal / **Direcção de Fotografia:** Ellsworth Fredericks / **Direcção Artística:** Lyle R. Wheeler e Herman Blumenthal / **Cenários:** Walter M. Scott e Joseph Kish / **Música:** Kenyon Hopkins / **Montagem:** William Reynolds / **Interpretação:** Montgomery Clift (Chuck Glover), Lee Remick (Carol), Jo Van Fleet (Ella Garth), Albert Salmi (Hank Bailey), Jay C. Flippen (Hamilton Garth), James Westerfield (Cal Garth), Barbara Loden (Betty Jackson), Frank Overton (Walter Clark), Malcolm Atterbury (Sy Moore), Robert Earl Jones (Ben), Bruce Dern (Jack Roper), James Steakley (Maynard, o mayor), Hardwick Stuart (xerife Hogue), etc.

Produção: 20th Century Fox / **Produtor:** Elia Kazan / **Cópia:** 35mm, cor, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 110 minutos / **Estreia Mundial:** Estados Unidos, a 26 de Março de 1960 / **Estreia em Portugal:** Politeama, a 13 de Abril de 1961.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Entre **Wild River** e o precedente filme de Kazan, **A Face in the Crowd**, medeiam quatro anos. Quatro anos em que Kazan, desiludido pelo insucesso comercial dessa obra, voltou as costas ao cinema e se dedicou apenas ao teatro, encenando durante este período uma peça por ano. Desde 1946 e de **A Tree Grows in Brooklyn** (a estreia de Kazan na longa-metragem) que o cineasta não estava tanto tempo sem filmar. **Wild River** foi, pois, o projecto escolhido para um regresso à actividade, e não será, conseqüentemente, um acaso o facto de ser um filme que assinala, na obra de Kazan, uma série de outros "regressos". Um regresso a Paul Osborn, o argumentista com quem Kazan colaborara em **East of Eden**; um regresso à cor e a uma certa "opulência" hollywoodiana, depois do negrume a preto e branco de **A Face in the Crowd**; um regresso a um optimismo apaziguador, depois do desespero amargo do filme anterior; e finalmente aquele que será o regresso mais fundo de conseqüências, um retorno temporal até aos anos trinta e à época das políticas sociais de Roosevelt, através da revisitação de um lugar (o vale do Tennessee) que Kazan já tinha filmado, em termos documentais, na curta-metragem **The People of the Cumberland**s.

Mas se este é um regresso, a essa região e a esse tempo, Kazan não ignora que entretanto se passaram mais de vinte anos, e o seu filme parte de um ponto de vista que tem em linha de conta essa décalage. Muito mais do que uma reconstituição **Wild River** é um olhar sobre o passado, destituído da urgência e do sentido quase panfletário que se podia encontrar em **The People of the Cumberland**s. Em questão está uma das principais medidas tomadas pela administração Roosevelt para combater e ultrapassar a miséria que grassava no vale do Tennessee: a criação da TVA (Tennessee Valley Authority), organismo destinado a reorganizar os recursos fluviais da região através da construção de um complexo sistema de mais de

trinta barragens. Ora esse projecto tinha como consequência imediata, devido à subida do nível das águas, a expropriação de inúmeros pequenos proprietários, quase todos vivendo já na miséria. A personagem central do filme, a cargo de Montgomery Clift, tem precisamente esse papel: trata-se de um funcionário da TVA que encontra a difícil tarefa de convencer uma família particularmente apegada à sua terra a abandoná-la.

Semelhante nó narrativo é a melhor demonstração da importância que têm, em **Wild River**, os vinte e tal anos que se passaram desde a década de trinta. Já não importa tanto insistir nas virtudes de um projecto social e político nem esgrimir argumentos pró ou contra, já há tempo e oportunidade para estabelecer um olhar sereno sobre a questão - e sobretudo para compreender as posições, as ideias e os afectos dos sacrificados. A personagem de Jo Van Fleet nunca é vista como uma mera força reaccionária, capaz de pôr em causa o bem estar da comunidade pela sua recusa em abandonar a terra e a casa em que sempre viveu, mas antes como uma espécie de "vítima da história". A sua personagem simboliza, no fundo, o drama de toda uma população que sempre viveu na miséria e que agora, perante as promessas de um futuro mais risonho para todos, se vê na obrigação de largar o pouco que tinha. E esse "pouco" são as raízes, a profunda relação com uma terra e com um lugar; em suma, um sentimento de identificação: com a barragem a vida poderá ser melhor mas já será outra coisa diferente. A morte, que efectivamente chegará no final do filme, estava simbolicamente consumada a partir do momento em que acedeu a sair de casa.

Mas Kazan traça também, subtilmente, um retrato social do Sul dos Estados Unidos na década de trinta. A simples chegada de Clift vai pôr em movimento as "forças locais" da pequena cidade, reagindo contra as alterações do seu equilíbrio provocadas, desde logo, pelo processo de construção da barragem. A cena em que Clift recebe uma comissão que o pretende alertar para os danos na estrutura económica da região que advirão do facto de a TVA pretender pagar tanto aos trabalhadores negros como aos brancos é exemplar: Kazan mantém sempre uma aparência de neutralidade, deixa que todos os argumentos sejam apresentados, e a personagem de Clift nem se esforça muito por contra-argumentar. A neutralidade de Kazan e o correspondente silêncio de Clift explicam-se facilmente: ambas as coisas vêm do futuro, de 1960, ambas reflectem por isso uma consciência da História (a personagem de Clift sabe que está, como escreveu Roger Tailleur, *"no sentido da História"*), ambas estão ao serviço de uma espécie de "arqueologia social".

Wild River é assim uma extraordinária "pintura" de um tempo e de um lugar no momento em que se dá uma ruptura com o passado. Um retrato aparentemente realista mas que surge, em permanência, atravessado por um lirismo "fantasmagórico" que se revela sobretudo no tratamento cromático da fotografia e no uso magistral do cinemascope - como se Kazan, homem do teatro, não tivesse resistido a transformar os cenários naturais do Tennessee num gigantesco palco para um drama que reproduz, em condensado, os momentos mais trágicos da história da humanidade: a altura em que o "velho" tem que ceder o lugar ao "novo". Os resultados, como vamos ver, são belíssimos.

Luís Miguel Oliveira